


Covid 19 no Extremo Sul da Bahia: emergência do conceito de necropolítica e implicações educacionais

Covid 19 in the extreme south of Bahia: Emergence of the concept of necropolitics and educational implications

Lucia de Fatima Oliveira de Jesus¹

1 Doutora, Universidade Estadual da Bahia, Teixeira de Freitas, Bahia, Brasil - lfjesus@uneb.br  <https://orcid.org/0000-0001-8666-7073>

Palavras-chave:

COVID 19;
extremo sul da Bahia;
educação.;
necropolítica.

Resumo: Este artigo é parte das análises desenvolvidas em rodas de conversas sobre disseminação da Covid-19, nos territórios do estado da Bahia, junto a grupos de pesquisadores e instituições, especialmente universidades, durante os anos de 2020-21, para compreender algumas dinâmicas que envolvem a pandemia e suas implicações na educação e na região. As análises efetuadas demandaram uma caracterização da cidade e da região em tela, exames de documentos públicos e de notícias recentes, articulados as ideias e teorias de autores como Henri Acselard, Valter Mignolo, Achille Mbembe entre outros que fazem referências aos processos de colonialidade, guerra colonial, necropolítica e necropoder. O estudo mostra que as desigualdades raciais e sociais foram intensificadas pela pandemia de covid-19 e a população negra teve um número maior de mortes no ano passado no Brasil. A pandemia demonstrou que algumas vidas são mais preservadas que outras, sobretudo, aquelas situadas no interior das camadas subalternizadas. Observa-se possível investimento em vacinação em massa da população, considerando os critérios de raça, sexo, idade e condições sociais educação, assim como em pesquisas e estudos como forma de contribuir na compreensão da COVID-19 e elaboração de estratégias de enfrentamento adequadas e específicas à realidade do município e do país.

Keywords:

Covid 19; Extreme
South of Bahia;
education; necropolitics

Abstract: This article is part of the analyzes developed in conversation circles about the spread of Covid-19, in the territories of the state of Bahia, together with groups of researchers and institutions, especially universities, during the years 2020-21, to understand some dynamics that involve the pandemic and its implications for education and the region. The analyzes carried out demanded a characterization of the city and the region in question, examination of public documents and recent news, articulating the ideas and theories of authors such as Henri Acselard, Valter Mignolo, Achille Mbembe, among others who make references to the processes of coloniality, war colonial, necropolitics and necropower. The study shows that racial and social inequalities were intensified by the covid-19 pandemic and the black population had a higher number of deaths last year in Brazil. The pandemic has shown that some lives are better preserved than others, especially those located within the subalternized layers. There is a possible investment in mass vaccination of the population, considering the criteria of race, sex, age and social conditions, education, as well as in research and studies as a way to contribute to the understanding of COVID-19 and the elaboration of adequate confrontation strategies specific to the reality of the municipality and the country



Introdução

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura.

(bell hooks¹, s/d, s/p)

Este artigo é parte das análises desenvolvidas em rodas de conversas sobre disseminação da Covid-19 nos territórios do estado da Bahia, junto a grupos de pesquisadores e instituições, especialmente universidades, durante os anos de 2020-21, para compreender algumas dinâmicas que envolvem a pandemia do COVID 19 na Bahia e suas implicações na educação. Para tanto, as análises demandaram uma caracterização da cidade e da região em tela, exames de documentos públicos e de notícias recentes, articulados as ideias e teorias de autores como Henri Acelard, Valter Mignolo, Achille Mbembe entre outros que fazem referências aos processos de conflito ambiental, colonialidade, guerra colonial, necropolítica e necropoder.

De início a Pademia do COVID 19, se mostrou próprio dos espaços urbanos e centrais, mas logo avançou para as periferias e para o interior das cidades e regiões do Brasil cujo sistema de saúde encontra-se precarizado, envolvendo as condições de trabalho dos profissionais da saúde na linha de frente da crise sanitária. Sabendo que a pandemia afeta diferentemente, as relações interpessoais, as proximidades, sociabilidades, aprendizagens e satisfação da vida coletiva dos povos subalternizados, consideramos os processos de racismos, silenciamento e isolamento dos povos subalternizados.

Para a análise tomamos o caso do Município de Teixeira de Freitas-BA, no extremo sul da Bahia, em dois momentos de pico da transmissão da COVID: Junho de 2019 e março de 2021 quando a cidade e o país são tomados por uma segunda onda de alta incidência da doença e, pudemos verificar a relevância de uma educação formal e informal como potência de prevenção, encaminhamentos e cuidados, por meio de um ensino voltado, sobretudo, a consciência acerca da preservação da vida individual e coletiva e do bem comum, seja ele online, híbrido ou presencial. Tal como nos adverte bell hooks acerca da força transformadora da experiência do amor em nossas vidas, resultando em atitudes mobilizadora das estruturas sociais existentes, para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras, conforme registra epígrafe deste trabalho.

¹ Esta forma de grafar o nome bell hooks, em letras minúsculas, trata-se de uma escolha da própria autora.

O extremo sul baiano reduto dos povos tradicionais

O Extremo sul da Bahia é uma região, considerada por muitos autores a margem do desenvolvimento baiano. Fronteira com os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, dista da capital, aproximadamente 800 km, a depender do ponto de partida entre os 19 municípios, que compreende a região². Com importantes recursos naturais, como o arquipélago de Abrolhos, recifes de corais, manguezais e praias deslumbrantes, a região do extremo sul baiana é reduto incontestável de pessoas indígenas, quilombolas e negros, muitos deles assentados. Povos tradicionais que foram ao longo do tempo silenciados e expropriados, no que diz respeito aos seus saberes e aos bens materiais e culturais, para dar lugar, principalmente a monocultura do eucalipto na região, a partir dos anos de 1970, sob o argumento de que culminaríamos em um processo de desenvolvimento regional.

Entretanto, o que se observa neste argumento, é a defesa de um modelo de desenvolvimento, que leva em consideração apenas o lucro financeiro e a acumulação de renda, para um seletivo grupo de empresários nacionais e internacionais no País. Enquanto a população local sobrevive em um sistema social precário que remonta ao sistema colonial brasileiro, similar aos processos denominados pelo autor (MBEMBE, 2020) de necropolítica.

A chegada da monocultura do Eucalipto na Região, na década de 1970, foi talvez as últimas evidências desse processo que, juntamente, com a implantação da BR 101, depois que se fechou a estrada de ferro Bahia/Minas e desativou o trenzinho que ligava Araçuaí em Minas Gerais a Ponta de Areia, em Caravelas BA, vai marcar grandes transformações na região, sem esquecer que processos anteriores como a produção de cana de açúcar já assolavam a região, mas essa é outra história. Assiste-se a um crescimento demográfico acelerado proveniente principalmente de fluxos migratórios, um desmatamento que acentuou as fragilidades socioambientais da região e de seus povos, exceto pelo impacto dos assentamentos e ações do MST na região, que embora não se tenha dados precisos, nota-se uma resistência ao desmatamento, por meio da agricultura familiar e do reflorestamento na região.

A época, o discurso estatal garantia desenvolver regiões com terras vazias e desvalorizadas, carentes de industrialização e modernização. Disseminando assim a chegada do eucalipto na região como salvação, justificando as desocupações do território para a entrada de madeiras e da pecuária, com estímulos fiscais do próprio Governo Federal, para o plantio de eucalipto no território. Disto resultou a elevação financeira e a acumulação de

² Eunápolis, Guaratinga, Ibirapuã, Itabela, Itagimirim, Itamaraju, Itanhém, Nova Viçosa, Porto Seguro, Santa Cruz Cabrália, Alcobaça, Prado, Caravelas, Teixeira de Freitas, Vereda, Jucurucú, Lagedão, Medeiros Neto e Mucurí. Sendo que os oito últimos município compreende também à região denominada de Costa das Baleias.

renda, para um seletivo grupo de empresários nacionais e internacionais, com a fusão de grupos empresariais como Stora da Finlândia e Enso da Suécia, formando um conglomerado de empresas Stora-Enso, juntamente com a Aracruz e a Veracel, a compor o maior conglomerado de indústrias de celulose e papel do mundo - a Suzano Papel e Celulose - produzindo aproximadamente 13 milhões de toneladas de papel ao ano, conforme (ACSELARD, 2007).

Este movimento de concentração de terras pela pecuária e pela monocultura do eucalipto resultou na formação sem planejamento de cidades como, Teixeira de Freitas e Eunápolis/BA, em um processo como já dissemos, próximo a colonialidade: sistema que faz permanecer a lógica colonial, apesar das colônias como modelo econômico oficial terem findado, para garantir uma matriz colonial de poder (MCP) conforme observado por (MIGNOLO, 2016).

E que em última instância vai gerar aquilo que Mbembe (2020) denomina de necropolítica, identificado pelo autor como um processo decorrente da chamada guerra colonial. Na colônia este processo deu lugar a um massacre sem risco ou justificativa instrumental, configurando uma guerra que não estava sujeita as normas legais e institucionais, ao contrário, fez prevalecer o terror na base de fantasias geradas colonialmente e “caracterizadas por terras selvagens, morte e ficções para criar um efeito de real” (p.134). A pura expressão de uma hostilidade absoluta, do conquistador para com o conquistado, seu inimigo. Tudo isso inspirado pelo imaginário legal europeu, ao contrário de um enfrentamento submetido a regras, as manifestações de violência e hostilidade colonial, que caracterizou as colônias como verdadeiras,

(...) zonas em que guerra e desordem, figuras internas e externas da política, ficam lado a lado ou se alternam. Como tal, as colônias são o local por excelência em que os controles e as garantias de ordem judicial podem ser suspensos – a zona em que a violência do estado de exceção supostamente opera a serviço da “civilização” (MBEMBE, 2020, p.134, destaque do autor)

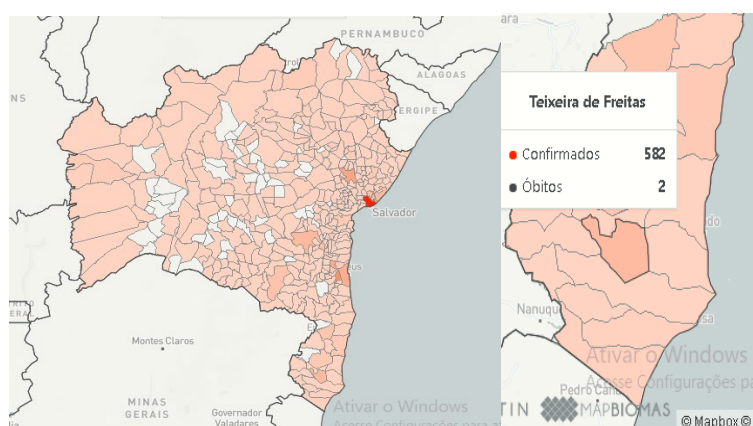
Neste contexto, em que as populações tradicionais e suas manifestações culturais ancestrais ficaram visibilizadas, seja pelas precárias condições de vida: despossuídos da terra invadida pelos processos de industrialização, que pouco ou quase nada levaram em consideração as suas reais necessidades, demandas e saberes ancestrais, situa-se a cidade de Teixeira de Freitas, município brasileiro fundado em 1985, emancipada dos municípios de Alcobaça e Caravelas, cuja população estimada em 2019 em 160.487 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020).

Com a interiorização do Ensino Superior no Brasil, nos anos de 1980, a cidade torna-se também referência na oferta de educação na região, com cursos de ensino técnico e superior, na Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus X, no Instituto Federal Baiano (IF Baiano), nas Faculdades Pitágoras e FASB e mais atualmente em dois campi da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB).

A maior cidade da região e a nona do estado da Bahia, entre os seus 417 municípios segundo o IBGE de (2020), Teixeira de Freitas teve o primeiro caso confirmado de COVID-19 notificado no dia 23 de março de 2020, a partir de uma pessoa que retornou de viagem ao exterior e no dia 11 de abril. Primeiro caso de transmissão local, sendo que em 24 de abril de 2020 foi declarada a transmissão comunitária no município, conforme pesquisadores da região (FORTUNA, D.; FORTUNA, J., 2020).

Em junho de 2020 a cidade já apresentava um alto índice de crescimento diário de casos de Covid-19, enquanto o hospital de campanha da região, previsto para iniciar as atividades em 5 de junho, foi adiado por falta de respiradores, passando a funcionar na segunda-feira 15 de junho de 2020, com 20 novos leitos de UTI. Enquanto Salvador estava com crescimento médio nos cinco dias de 4%, coincidindo com crescimento médio do estado, cidades da região, como Itabuna, o crescimento médio foi reduzido para 3%, Ilhéus reduzido para 2%, outras mais distantes como Feira de Santana estava com 5%, Lauro de Freitas com 4%. Teixeira de Freitas registrava 18% de crescimento por dia, com taxa de crescimento de 91% de casos, uma das piores situações entre os municípios baianos, com 582 casos confirmados naquele momento. Conforme mostra a Figura 1 do Portal COVID da Universidade Estadual de Feira de Santana (UFES).

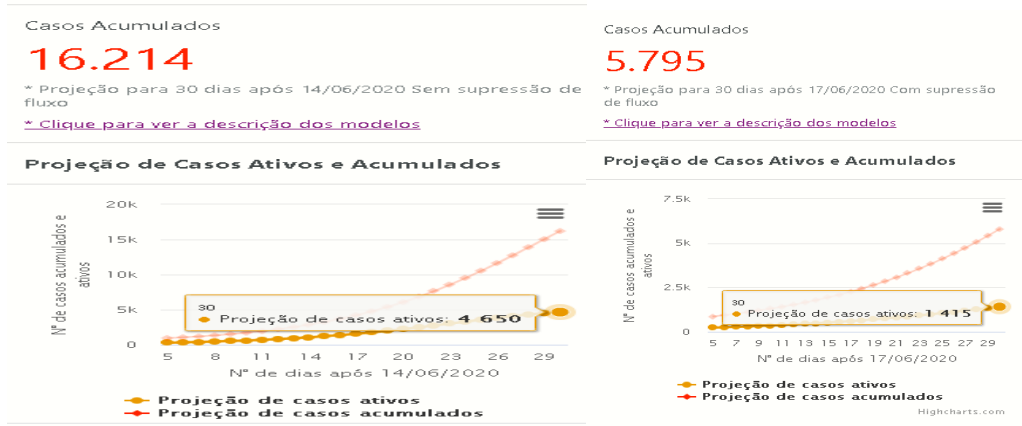
Figura 1- Localização da cidade e de Teixeira de Freitas no Estado da Bahia e na região do extremo sul, com o total de casos confirmados de pessoas contaminadas por COVID 19 em junho de 2020.



Fonte: <http://portalcovid19.uefs.br> acessados em junho de 2020

De acordo com os dados a projeção de casos realizada por pesquisadores da UFFS indicava um quadro de 16.214 casos sem supressão de fluxo e 5.795 com supressão de fluxo para a cidade de Teixeira de Freitas-BA, conforme observamos nas figuras a seguir,

Figura 2 - Dados de projeção de casos sem e com supressão de fluxos para a cidade de Teixeira de Freitas, obtidos por pesquisadores da UFFS



Fonte: <http://portalcovid19.uefs.br> publicados no Portal Covid em junho de 2020

Assim podemos entrever o significativo papel da prevenção da doença por meio do fechamento de locais públicos e do isolamento social. Nos boletins apresentados a seguir (figura 3) extraídos do site da Prefeitura do Município de Teixeira de Freitas, é possível observar a média de contaminação diária naquele momento. Sabendo que a diferença seria de mais de 10 mil casos de pessoas contaminadas, em não se procedendo ao fechamento de áreas públicas e comerciais, conforme ilustra os boletins oficiais da Prefeitura do município a seguir.

Figura 3 - Boletins Epidemiológicos encontrados no site da Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas/BA



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas/BA, <https://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br> acessado no dia 16 de março de 2020.

Posteriormente, a publicação dos boletins acima, a prefeitura informou que dos 914 casos confirmados de COVID-19 contabilizados até 21 de junho estimava-se 55% de mulheres e 45% de homens.

Agora em março de 2021, a cidade apresenta registro de em média 25 novos casos positivos e um total de 12.153 casos confirmados, com 76 casos considerados ativos e 180 pessoas mortas. A taxa de letalidade em Teixeira de Freitas é de 1,50%, em relação aos casos confirmados, conforme observamos a seguir em boletins informados pela prefeitura da cidade no portal do município. A diferença de caso foi efetivamente de 6. 348 casos, o que demonstra o significativo papel da supressão de fluxo na região, conforme registra os últimos boletins a seguir.

Figura 4 - Boletins Epidemiológicos encontrados no site da Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas/BA, nos dia 25, 26 e 27 de março de 2021.



Fonte: Site da Prefeitura Municipal de Teixeira de Freitas/BA, <https://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br> acessado no dia 27 de março de 2021.

A Secretaria de Saúde de Teixeira de Freitas informou ainda que dos 12.153 casos confirmados, 95 foram considerados ativos, com 182 mortes. A taxa de letalidade em Teixeira de Freitas é em média 1,50%, em relação aos casos confirmados e a de recuperação é de 97,76%, com 11.876 recuperados. O total de pacientes internados em leitos para tratamento da Covid-19 no HMTF e Hospital de Campanha de Teixeira de Freitas, é de 21 sendo, 06 casos clínicos e 15 casos na Unidade de Terapia Intensiva (UTI), representando 100% de ocupação de UTI. Na UPA, são 11 internados e na rede privada são 21 pessoas internados, 14 na enfermaria e 07 na UTI, representando 100% de ocupação de leitos de UTI, conforme a assessoria de comunicação (ASCOM) do município em última atualização em março de 2021.

Negritude necropolítica

No Brasil, o primeiro caso de infecção por COVID 19 foi detectado em fevereiro de 2020, quando o vírus continuou a se espalhar e em abril do mesmo ano foram registrados em todos os 26 estados brasileiros e seus 5.570 municípios mais o Distrito Federal, um total de 11.130 mil casos confirmados com 486 mortes e letalidade de 4,4%, tornando o país um dos epicentros da pandemia e a região Nordeste na segunda em número de casos, superada apenas pela região Sudeste.

O estado da Bahia apresentou em janeiro de 2021 o número de casos e óbitos confirmados em ascensão com aproximadamente 34.665 casos confirmados de coronavírus e segue com mais de 18 mil pacientes monitorados pela vigilância epidemiológica, com sintomas da Covid-19, o que são chamados de casos ativos. Teixeira de Freitas segue como uma das cidades com maior número de casos confirmados na região do Extremo Sul da Bahia.

O novo coronavírus (SARS-CoV-2) pertence à família *Coronaviridae* e causa doença infecciosa denominada COVID-19 de transmissibilidade rápida através do contato de pessoa a pessoa e de fomites que pode permanecer viável em determinadas superfícies por até 24 horas, conforme explica (FORTUNA, D.; FORTUNA, J., 2020). Ao ser disseminado por todo o planeta foi declarada uma pandemia em 11 de março de 2020, pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Como não há medicação de eficácia e segurança comprovadas, especificamente, para o tratamento da COVID-19, a adoção de medidas não farmacológicas como, distanciamento social, restrição de viagens e de aglomerações em geral, contribui para minimizar a exposição das pessoas à doença. Assim como as práticas de higienizar as mãos, frequentemente, com água e sabão ou álcool 70%, manter-se distante pelo menos um metro das outras pessoas, cobrir a boca ao espirrar ou tossir, juntamente com a utilização de máscara, evitando tocar no rosto e na máscara, constitui as principais tentativas de prevenção do contágio recomendado pelas autoridades na área.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e seus parceiros, os esforços para uma resposta mais eficaz contra a doença é o desenvolvimento e distribuição de vacinas que, preparam as defesas naturais do corpo, para reconhecer e combater o vírus. Após a vacinação, as pessoas que forem expostas ao vírus, terá seu organismo preparado para destruí-los imediatamente, evitando a doença, contudo ainda não se tem garantias de por quanto tempo o organismo humano permanecerá preparado.

Em tese as populações mais vulneráveis em todos os países deveriam ser prioridades para a vacinação, entretanto, este processo tem ainda um longo caminho até se chegar a vacinação em massa, especialmente, aqui no Brasil. Nenhuma vacina eficaz e segura foi

desenvolvida tão rapidamente, quanto estas contra o novo coronavírus e há 13 delas na fase mais adiantada de testes, o que pode nos colocar mais próximos de uma convivência menos traumática com a doença.

Embora a população pareça exposta igualmente a doença, quando se observa por raça/cor, verifica-se que negros - pretos e pardos - estão muito mais expostos aos perigos da pandemia e muito mais desassistidos em relação aos problemas de saúde, observa Fatima Marinho, epidemiologista e consultora sênior da Vital Strategies, que conduziu um estudo a partir de dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde (SIM) e do sistema de informação da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais, além de dados populacionais do IBGE (2020).

A pesquisa destaca as precárias condições impostas historicamente à população negra no país, o que contribui para consequências como maior mortalidade em situações como a pandemia atual, revelando até aonde chega o racismo no país e como este pode desencadear adoecimento. Seja porque os negros e negras são aqueles que vivem em áreas mais violentas, sofrem muito mais a violência policial entre outras vulnerabilidades sociais. Vejamos o que registra a pesquisa publicada por Camila Boehm, acerca do que observou a pesquisadora Fátima Marinho na Agencia Brasil (2021):

Quando analisados por gênero, os dados mostram que morreram 23,9% mulheres negras a mais do que o esperado, enquanto esse excesso de mortalidade foi de 15,3% entre mulheres brancas. Considerando os homens, o excesso de mortes ficou em 31% para negros e 20% para brancos. Em relação a faixa etária, os dados mostram que pessoas negras até 29 anos morreram 32,9% a mais que o esperado, enquanto brancos na mesma faixa etária morreram 22,6% a mais que o esperado.

A pesquisadora denomina este processo de “sindemia”, e já está dado para pessoas negras as péssimas condições de vida desde o nascer até a morte, inclusive vivendo menos. E, com o surgimento da Covid-19, esse processo parece radicalizar essa desigualdade racial no Brasil, avalia Marinho (2021). Para combater de forma eficaz a pandemia, ela acredita que o poder público deve levar em consideração não apenas o recorte etário, mas o de raça/cor. Para a epidemiologista, mesmo quando se iniciou a política de proteção contra a covid-19, primeiro com isolamento social e depois também com a vacinação, as populações negras e pobres ficaram majoritariamente excluídas, uma vez que é quem vai pra rua trabalhar, em transportes públicos lotados todos os dias. Com a expectativa de vida é menor entre a população negra, eles acabem excluídos dos atuais grupos prioritários de vacinação, que são os idosos. 56% da população brasileira é negra, enquanto brancos são 43%. Ao observar a faixa etária de 60 anos e mais, o quadro inverte: 50% são brancos, 49% são negros, na faixa etária de 80 e mais, 75% são brancos, e só 25% são de negros

Como menor expectativa de vida, os negros teriam de ser levado em consideração para a implementação de políticas públicas, contribuindo assim para uma redução dessa desigualdade. Se a decisão de vacinar por idade não fosse baseada na epidemiologia da doença, seriam vacinados aqueles grupos de pessoas que estão em maiores riscos, não apenas pelo critério de idade, como também por alguns determinantes sociais. A ideia é controlar melhor a disseminação do vírus, a partir do olhar para onde tem maior circulação viral. Assim quanto menos gente estiver transmitindo o vírus se consegue reduzir o impacto desse vírus na população em geral, haja vista que vacina é antes de tudo um instrumento de proteção coletiva.

O racismo no Brasil pode ser aferido em qualquer contexto ou prática social, inclusive no contágio e na vacinação contra a Covid-19. Embora a primeira pessoa vacinada no Brasil, Mônica Calazans, tenha sido uma mulher negra, após do início da vacinação o quadro que se observa é muito diferente: Para cada pessoa negra que recebe uma dose, duas pessoas brancas são vacinadas, conforme dados de um levantamento realizado pela Agência Pública, em 15 de março, referente aos primeiros 8,5 milhões de pessoas que já receberam ao menos a primeira dose da vacina. Não bastasse o fato de que a maioria da população brasileira é negra, os negros são também maioria absoluta entre as pessoas contaminadas, ou seja, a população negra está mais exposta à Covid-19, morre mais por conta da doença e é menos vacinada, observa a epidemiologia Marinho (2021).

No Brasil, ao longo de nossa história, observamos argumentos e ações que retiram completamente a humanidade de certos grupos, a partir da ideia de que eles merecem ser punidos e que as políticas são para a maioria e não para minorias. Seja nos 21 anos do regime autoritário na ditadura civil milita no Brasil, que resultou em prisões, mortes e corpos torturados e desaparecidos, quando opositores ao regime forma presos, seja por um discurso que estabelece parâmetros aceitáveis para o controle e execução de pessoas. Entretanto os mais de 300 anos de escravização do povo negro foram a base da construção e formação da sociedade brasileira, que determinaram lugares subalternizados com alta criminalidade em que vidas podiam ser tiradas em prol do bem comum. A guerra ao tráfico e à criminalidade no Brasil é um exemplo, se configurando como uma guerra ao povo negro conforme demonstra pesquisa de Amparo (2021).

É fato que a crise sanitária do novo Coronavírus não faz distinção em seu contágio. A contaminação independe de raça, classe, gênero ou orientação sexual, é evidente, entretanto as medidas de proteção adotadas pelo poder público e pela

sociedade têm produzido dinâmicas diferenciadas, demonstrando porque determinados grupos e locais tornam-se mais vulneráveis ao covid-19 que outros. Como as principais medidas de combate à disseminação do vírus são: o isolamento social, a higiene das mãos e o uso de máscaras, muitos grupos não reúnem as condições mínimas para o cumprimento dessas medidas, uma vez que não possuem acesso às instalações de saneamento básico adequadas, fornecimento de água tratada e recolhimento de esgoto, vivendo em moradias precárias, sem possibilidade de trabalhar em casa ou de se locomover em condições seguras para o seu trabalho. E agora sem equipamentos eletrônicos necessários adequados às aulas online

Para Achille Mbembe (2020), este processo trata-se de uma forma bem sucedida de necropoder, quando determinados argumentos instauram regimes de medo, insegurança e precariedade defendendo situações como “desordens”, “emergência”, “conflitos armados” ou “crises humanitárias”, e estabelecendo assim, parâmetros de aceitabilidade para determinadas injúrias, assassinatos e torturas. Tal vez como estas que vêm sendo submetidos os jovens negros nas periferias das cidades? O autor demonstra em seus estudos que a escravidão foi uma expressão de necropolítica fundamentada pelo pensamento hegemônico eurocêntrico que, negou aos negros o status de seres humanos, atreves de estratégias de captura, aprisionamento, exploração, tortura, dominação e extermínio de seus corpos escravizados. Processo que até hoje traz sérias implicações às sociedades colonizadas. Ainda que a escravidão tenha sido, oficialmente, abolida, a colonialidade permanece, conforme demonstra o racismo, a discriminação e o apagamento da herança negra e indígena.

Num processo de necropolítica, os grupos fragilizados - sejam mulheres, negros, indígenas ou outras minorias - estão sempre suscetíveis ao desequilíbrio entre o poder da vida e da morte, estabelecido no interior desse processo de necropolítica. Estruturas racistas e patriarcais na sociedade, direta ou indiretamente, reproduzindo práticas e relações sociais desiguais, cujos efeitos são arrasador. As noções de necropolítica desenvolvidas por Mbembe (2020) nos ajudam a compreender as formas pelas quais, até hoje estado-nações, por vezes, adotam em suas estruturas a política da morte e da guerra.

Considerações finais

O COVID-19 tem gerado, portanto, um agravamento de uma crise já existente em nossa sociedade, cujas raízes remontam os tempos da escravidão. Suas consequências escancaram as desigualdades sociais vivenciadas diariamente

por indivíduos em locais onde o isolamento é praticamente impossível. Essa situação denuncia dados preocupantes que podem evidenciar, conforme os argumentos de Mbembe (2020), as formas contemporâneas que subjugam a vida ao poder da morte (necropolítica) e reconfiguram profundamente as relações entre resistência, sacrifício e terror.

A noção de necropolítica e necropoder pode explicar as várias maneiras pelas quais, as armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “Zonas de morte”, processos nos quais populações inteiras são submetidas a condições de vida que o autor designa por “mortos-vivos” a partir de núcleos de repressão e crueldade, como foi feito nas fazendas no período da Colônia. Marcando assim o desaparecimento de fronteiras entre, resistência/suicídio, sacrifício/redenção, martírio/liberdade, tudo sob os auspícios do necropoder. Mbembe (2020).

O debate sobre qual deveria ser a política de prioridade neste momento: salvar vidas ou salvar a economia parece inócuo. Há estimativas de que a economia brasileira pode sofrer efeitos por mais de dez anos devido ao coronavírus, afetando, diretamente, as áreas sociais e políticas de população mais vulneráveis, em nosso país. Haja vista que posicionamentos de diversos governantes no mundo, que relativizaram a gravidade da situação, desconsiderando o valor de vidas humanas, têm atravancado o combate à doença. De forma geral a pandemia tem demonstrado que algumas vidas valem mais que outras. Enquanto uns são mais preservados, outros podem ser facilmente desconsiderados ou descartados, sobretudo aqueles no interior das camadas subalternizadas das sociedades: mulheres e pessoas negras, indígenas e pobres em geral.

No que diz respeito à região do extremo sul da Bahia, foi recomendado por diferentes pesquisadores, com os quais corroboramos, a necessidade de que os boletins epidemiológicos disponibilizassem informações mais completas acerca do sexo, faixa etária, morbidades, bairro, profissão, etnia, sintomatologia, tipo de teste diagnóstico das pessoas com casos confirmados, recuperados, internados e óbitos. Informações que poderiam ajudar na identificação das demandas e avanços do tratamento.

Conforme mostramos aqui, os dados revelam que, com supressão de fluxos, em Teixeira de Freitas/BA, para cada 4 mil casos, há 1.062 pacientes com vírus ativo. Com demanda de 57 leitos de enfermaria e 41 de UTI. E, sem supressão de fluxo, o registro total de casos chegaria a 13.352 casos, com 3.943 pacientes ativos na cidade, na primeira onda da pandemia, com demanda de 189 leitos de enfermaria e 141 leitos de UTI. Os estudos mostraram que as desigualdades raciais e sociais foram intensificadas pela pandemia de

covid-19 e a população negra teve um número maior de mortes no ano passado no Brasil. Assim quando as mortes por doenças respiratórias como a covid-19, aumentaram em 18% entre os brasileiros brancos, entre pessoas negras foram 28% revelam a Vital Strategies e o núcleo de pesquisa Afro-CEBRAP, do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ao realizar análises comparativas da quantidade de óbitos por causas naturais esperada em 2020 e a quantidade de óbitos observados no mesmo ano, com cerca de 270 mil mortes de brasileiros, acima do esperado no ano passado em comparação com os anos anteriores. Dessas 270 mil mortes, 153 mil ocorreram entre negros e 117 mil entre brancos, ou seja, os negros foram 30% a mais, dentre as mortes em excesso.

Embora as vacinas já seja uma realidade, ainda há muito que ser feito para conseguir vacinar a maioria da população brasileira, que precisa continuar usando máscaras, distanciando-se fisicamente e evitando multidões. Mesmo vacinados não se poder abrir mão do protocolo de segurança, sob pena de pôr em risco a nós mesmos e aos outros, principalmente porque ainda não foi confirmado até que ponto as vacinas podem proteger contra retransmissões.

Neste cenário, o investimento em vacinação em massa da população, considerando os critérios de raça, sexo, idade e condições sociais, assim como aquele em tratamentos e medicamentos específicos, com testes através de ensaios clínicos conforme registra (OPAS, 2020), são procedimentos urgentes e possíveis em nosso país. Assim como o investimento em educação, pesquisas e estudos como forma de contribuir na compreensão da COVID-19 e elaboração de estratégias de enfrentamento adequadas e específicas à realidade do município, entretanto, nos falta vontade política. É preciso ação dos governos, responsabilidade social e dos cidadãos.

Referências

ACSELARD, Henri. O movimento de resistência à monocultura do eucalipto no norte do Espírito Santo e extremo sul da Bahia – uma sociologia da recusa e do consentimento em contexto de conflito ambiental. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA DA UFPE, 13., 2007. Recife. **Anais...** Recife: SBS, 2007. Disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=47&Itemid=171. Acesso em: 28 out. 2017.

AMPARO, Amanda. **Sociabilidades negras e a guerra às drogas: olhares sobre o território da “cracolândia”**. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades)-Programa de Pós Graduação em Humanidades Direitos e Outras Legitimidades, Departamento Diversitas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. <https://doi.org/10.11606/D.8.2021.tde-21022022-210705>

BAHIA (Estado). Secretaria da Saúde do Estado da Bahia. Centro de Informações Estratégicas em Vigilância em Saúde da Bahia. **Boletim Epidemiológico COVID-19**. Salvador, n. 125, 27 jul. 2020. Disponível em: http://www.saude.ba.gov.br/wp-content/uploads/2020/07/BOLETIM_ELETRONICO_BAHIAN_125_27072020.pdf. Acesso em: 1 ago. 2020.

BOEHM, Camila. Especialista aponta recorte racial como prioridade de vacinação: negros são os que mais morrem na pandemia, afirma epidemiologista. *Agência Brasil*, 29 mar. 2021. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-03/especialista-aponta-recorte-racial-como-prioridade-de-vacinacao>. Acesso em: 29 maio 2021.

FORTUNA, Danielle Barros Silva; FORTUNA, Jorge Luiz. Perfil epidemiológico dos casos de COVID-19 no município de Teixeira de Freitas-BA. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 6, n. 9, p. 76374-76392, sep. 2020. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-166>

hooks, bell. **Vivendo de amor**. Disponível em: <https://afrolink.pt/bell-hooks-numa-sociedade-racista-a-recuperacao-esta-no-acto-e-arte-de-amar/>. Acesso em: 27 fev. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Baianos: **IBGE – Bahia**. Salvador, 2018. Disponível em <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 21 maio 2020.

MBEMBE, Achille. Necropolítica: Biopoder soberania estado de exceção política da morte. **Arte & Ensaios**: revista do ppgav/eba/UFRJ, n. 32, p. 122-151, dez. 2016. Disponível em: <https://www.procomum.org/wp-content/uploads/2019/04/necropolitica.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2020

MIGNOLO, Walter. Colonialidade o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, e329402, 2016. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>

TEIXEIRA DE FREITAS (Município). Notícias. Boletins Epidemiológicos. 2020-2021. Disponível em: <https://www.teixeiradefreitas.ba.gov.br/category/noticias/>. Acesso em: 27 mar. 2021.

Sobre a autora

Lucia de Fatima Oliveira de Jesus

Professora titular da Universidade do Estado da Bahia. Professora Colaboradora no Programa de Mestrado em Ensino de Relações Étnico Raciais da Universidade Federal do Sul da Bahia (PPGER/UFSB). Possui graduação em Pedagogia pela Universidade de Guarulhos (1989), mestrado em Educação pela Universidade de São Paulo (2002) e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (2009). Pós-doutoramento em História da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto/PT. Minhas pesquisas dizem respeito aos temas: Estudos qualitativos em educação; História de vida; Educação comparada; Relações raciais; sala de aula e herança cultural. E-mail: lfjesus@uneb.br